

# Editorial

A revista 9ª Arte, órgão de divulgação do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP inicia seu quinto ano de publicação com uma oferta de artigos bastante diversificada e atual, buscando responder a questões cada vez mais prementes em relação às histórias em quadrinhos e seu papel na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a questão de representação de gênero, tema já tratado em números anteriores, aqui aterrissa a partir de um viés europeu: neste número, o pesquisador espanhol Manuel Barrero – já conhecido dos estudiosos brasileiros, pois esteve presente, como convidado, nas 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, em 2013 -, discorre, com sua precisão e profundidade usuais, sobre o comic feminino espanhol, analisando seu desenvolvimento histórico e as temáticas que mais comumente foram abordadas por esse tipo de publicação.

Os quadrinhos internacionais também estão presentes em outros artigos deste número, mas elaborados por pesquisadores brasileiros. Assim, enquanto Fábio Mourilhe, do Rio de Janeiro, volta sua atenção para os quadrinhos produzidos em Hong-Kong, popularmente conhecidos como manhuas, o sociólogo pernambucano Amaro Braga se debruça sobre o quadrinho japonês, o mangá, analisando a colabora deste último para a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero. De mangás também trata o artigo de Felipe Mussarelli e Valdemir Miotello, da Universidade Federal de São Carlos, mas com um olhar, digamos assim, mais local, buscando analisar os contextos social e editorial que colaboraram na recepção deste formato de produção quadrinística no Brasil.

Os super-heróis, gênero tão popular entre os leitores brasileiros, são objeto do artigo de Robson Santos Costa e Evelyn Goyannes Dill Orrico, docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como da reflexão teórica da psicóloga Valéria Yida, em texto elaborado com a colaboração do professor e quadrinista Gazy Andraus. Os dois primeiros enfocam os conceitos de informação e memória em relação às adaptações cinematográficas de histórias em quadrinhos de super-heróis, analisando essas adaptações no contexto da transmídia, cultura de cooperação horizontal entre gêneros midiáticos que convergem para um ponto em comum. Já os dois últimos analisam o papel da cor do personagem nos quadrinhos, detendo sua atenção no papel desse elemento distintivo na composição da identidade do personagem Coringa, um dos mais conhecidos vilões do universo do Batman, o Cavaleiro das Trevas.

A produção local, logicamente, não poderia deixar de estar presente neste número da revista. De fato, ela surge muito bem representada por uma das mais populares criações da 9ª Arte brasileira, a revista Chiclete com Banana. Refletindo sobre as características da principal obra de Arnaldo Angeli Filho, o historiador e professor universitário Rodrigo Otávio dos Santos elege como aspecto central de sua análise a citação de textos de canções das bandas de rock brasileiras feitas pelo autor paulistano, buscando não apenas observar a aplicação das canções no contexto dos quadrinhos, mas, também, como estes possibilitam uma análise das conjunturas social, política e cultural do Brasil na década de 1980.

Abordagens instigantes das histórias em quadrinhos são realizadas nos dois artigos que completam o elenco deste número da Revista 9ª Arte. Vitor Blotta, professor do Curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em parceria

com o historiador Bruno Conrado Filho, discute o impacto dos quadrinhos sobre concepções de acesso à informação e educação em direitos humanos, por meio de análise de conteúdo de obras estatais e independentes da área, concluindo que a capacidade das histórias em quadrinhos para inovar o acesso à informação e educação na área de direitos humanos está na autonomia e equilíbrio do “meio” em relação a outros discursos. Já o enfoque da professora Fernanda Bitazi, originalmente discutido em sua tese de doutoramento na Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, evidencia, a partir da ideia central de que qualquer adaptação é um produto cultural tão autônomo e criativo quanto seu hipotexto, que as adaptações em quadrinhos recriam a forma e o conteúdo de seu texto-base literário por meio de seus próprios recursos sintáticos. Para ela, esse fato, por si só, já compromete a inviabilidade teórica de postular uma “hierarquia” entre as artes, regida pelos valores de inferioridade e superioridade estética. Seu artigo defende essa posição, inclusive, realizando a análise de uma adaptação específica, a do conto “A menina dos fósforos”, produzida pelo quadrinista brasileiro Fabiano Barroso da obra original do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen.

Complementam a revista duas resenhas de obras acadêmicas sobre histórias em quadrinhos elaboradas por Isa Maria Marques de Oliveira e Nathália Franchin, que, desta forma, contribuem efetivamente para divulgação da produção científica da área.

Waldomiro Vergueiro  
Roberto Elísio dos Santos

